

SÃO PAULO, CIDADE, IMAGINÁRIO E IDENTIFICAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS DA IMIGRAÇÃO: OS AÇORIANOS

SÃO PAULO, CITY, IMAGINARY AND IDENTIFICATION OF IMMIGRATION HERITAGE: THE AZOREANS

Elis Regina Barbosa Ângelo.¹

RESUMO: Essa pesquisa busca compreender as relações estabelecidas na cidade de São Paulo, a partir da imigração enquanto um patrimônio dos povos, em especial do grupo de açorianos que vivem na Vila Carrão, Zona Leste da cidade, e, na qual se descortinam aspectos relevantes da materialização de referências individuais e coletivas. Entre as principais referências culturais estão às festas e celebrações, a comida, a religiosidade o saber-fazer e a musicalidade, configurado a identidade coletiva dessa comunidade. Por meio de revisão bibliográfica e documental, e, de abordagem qualitativa, compreende-se cenários e estratégias da diáspora, seja nas formas encontradas pelo grupo na manutenção das tradições, na escolha dessas expressões e mesmo a partir das representações ressignificadas na terra de acolhimento. Desse processo se conclui que, a partir das escolhas e formas de viver as relações sociais, afetivas, culturais, institucionais e econômicas enquanto cenários de práticas simbólico-culturais dos açorianos e seus descendentes, se mantém elos com as identidades visualizadas tanto na associação do grupo, - a Casa dos Açores de São Paulo-, quanto no entorno do bairro onde vivem seu cotidiano sob a égide da diversidade cultural que é a cidade metropolitana, e, dessa relação emerge o território cultural açoriano, preservado como patrimônio da imigração.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio; Imigração; Açorianos; São Paulo.

ABSTRACT: This research seeks to understand the relations established in the city of São Paulo, from immigration as a heritage of the peoples, especially the group of Azoreans who live in Vila Carrão, East Zone of the city, and in which relevant aspects of the materialization of individual and collective references are revealed. Among the main cultural references are festivals and celebrations, food, religiosity, know-how and musicality, configuring the collective identity of this community. Through a bibliographic and documentary review, and a qualitative approach, it is possible to understand scenarios and strategies of the diaspora, whether in the forms found by the group in the maintenance of traditions, in the choice of these expressions and even from the representations resignified in the host land. From this process it is concluded that, from the choices and ways of living the social, affective, cultural, institutional and economic relations as scenarios of symbolic-cultural practices of the Azoreans and their descendants, links are maintained with the identities visualized both in the group's

¹ Doutorado em História (PUC-SP). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-1799-3910> E-mail: elis@familiaangelo.com

association - the House of the Azores of São Paulo - and in the surroundings of the neighborhood where they live their daily life under the aegis of the cultural diversity that is the metropolitan city, And from this relationship emerges the Azorean cultural territory, preserved as a heritage of immigration.

KEYWORDS: Heritage; Immigration; Azoreans; São Paulo.



10.23925/2176-4174.v3.2024e67730

Recebido em: 30/07/2024.

Aprovado em: 17/10/2024.

Publicado em: 18/10/2024.

Introdução

A capital paulista expõe sentidos e significados que identificam uma diversidade de grupos, raças e etnias das mais distintas e em temporalidades também diversas. De sua formação territorial até a chegada de grupos que deram características e fisionomias distintas até a formação de seu patrimônio tanto material quanto imaterial, foi dinamicamente sendo moldada por sujeitos que trouxeram legados e heranças de outras terras, além de saberes e expressões que literalmente constituíram “faces” e histórias a serem lembradas ao longo de gerações.

Desde a formação de bairros até a sua caracterização imagética, os desenhos e contornos foram sendo modos de viver a vida cotidiana e mesmo os tempos de rituais trazidos pelos diversos povos que compuseram as características maiores dos mais variados territórios, como é o caso da Vila Carrão, Zona Leste da cidade.

Ao se pensar na cidade como múltipla, entre cores e etnias, os mais variados sujeitos e coletivos de imigrantes foram formando “(...) bairros, ruas, monumentos, espaços públicos, cooperativas, indústrias, fazendas, casas, lugares de memórias, entre muitos outros que, de alguma forma, formatam a organização de um elo com o país de origem (ANGELO, 2011, p.179-180).

Nessa exclamação de sujeitos está ordenado o funcionamento dos lugares e territórios que foram sendo formados pelos próprios grupos ao firmarem suas identidades, como os portugueses, que, de forma geral se espalharam pela cidade de

São Paulo e habitaram diversos bairros, como é o caso do “Bom Retiro, Belenzinho, Mooca, Bexiga e Brás. No início do século XX, portugueses já habitavam bairros como o Tatuapé, Casa Verde, Pinheiros, Ponte Grande” (FREITAS, 2006, p.106).

A partir do século XX, a cidade se expande pela região Leste, formando bairros industriais, numa diversidade de chácaras e sítios com plantações, construídos pelos portugueses na Vila Gumercindo e no Itaim Bibi, em cujas chácaras passaram a cultivar verduras, legumes e flores, além da criação de vacas leiteiras (FREITAS, 2006).

Após o fortalecimento dos bairros pelos grupos que se apoiavam em territórios delimitados, a cidade seguiu seu curso e diluiu muitos dos grupos, mas algumas características acabaram sendo formadas e mantidas ao longo de gerações, como é o caso de algumas vilas que mantém atividades geradas por coletivos e organizações, como a casa dos Açores de São Paulo, na Vila Carrão.

Um número expressivo de portugueses, inclusive vindos das Ilhas da Madeira e Açores, vieram para a Zona Norte, destes grupos, os madeirenses convergiram principalmente para o Imirim e bairros próximos ao Horto Florestal, e na Zona Sul, para Santo Amaro. Os açorianos instalados na Zona Leste da cidade concentram-se principalmente na Vila Carrão (FREITAS, 2006, p.106-107).

Neste trabalho, busca-se trazer para o debate a criação, o imaginário e a definição de características múltiplas de um bairro operário, açoriano, de características também imigrantistas e forjadas na era desenvolvimentista do país. Da expansão a cidade para sua horizontalização e a crescente formatação vinculada ao plano urbanístico das avenidas, às margens da Radial Leste, os açorianos vieram e se instalaram, dando também a ele características ímpares de suas identidades.

Nessa configuração, busca-se por meio de revisão bibliográfica e da História Oral, trazer trabalhos versados na concepção do território em movimento, tratando a partir de relatos de vinda, cotidianos e transformações vividas da zona rural para a urbana, trânsitos e trajetórias de vida. Nessa correlação, pensar sobre a criação de um território açoriano, que traz na bagagem do grupo, aspectos ligados ao período de crescimento de São Paulo como a própria criação dos bairros operários da região Leste.

Com esta pequena contribuição, traça-se memórias imigrantes de imaginários e histórias de um dos muitos grupos que formaram a cidade múltipla, a metrópole São

Paulo dos braços e patrimônios formados na sua “pedra e cal” e de inúmeras características de saberes e fazeres que outrora contornaram os mares de onde vieram inscrevendo identidades múltiplas e diversificadas.

A expansão da Zona Leste da cidade e a criação de bairros

No momento de maior crescimento de fabricas e expansão da região Leste da cidade, iniciou-se uma horizontalização das vias, com características de bairros industriais, nos quais se observam certas funcionalidades e formações peculiares.

São Paulo transformava-se no centro manufatureiro hegemônico do país. A concentração regional era indispensável às economias de escala, que requeriam o investimento em técnicas modernas, ensejando o aumento da produtividade. Em 1950, o sonho acalentado da industrialização que alçaria o país ao mundo dos países desenvolvidos parecia viável e próximo. A indústria, particularmente aquela instalada em São Paulo, tornava o país auto-suficiente em produtos perecíveis e semiduráveis de consumo (ARRUDA,2005, p. 1).

Nessa perspectiva da cidade, de potencialização da mão de obra, traduzida em cartas de chamada, - que eram praticadas por para imigrantes como os portugueses açorianos, entre outros muitos grupos, a expansão de bairros ganhava delineamentos específicos no que diz respeito às condições socioeconômicas e culturais, culminando em definições de formações que dariam posteriormente uma caracterização de suas peculiaridades tradicionais, versadas em tradições, gerações e mesmo heranças da terra natal.

Sobre o processo de construção da Zona Leste da cidade, pode-se dizer que a sua ocupação foi constituída ao longo da ferrovia, pois, num conglomerado de núcleos espalhados ao longo do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, pelo Vale do Paraíba, por meio da ferrovia Central do Brasil (São Paulo - Rio de Janeiro) no final do século XIX, acabou revelando um cinturão de indústrias, que a posteriori definiu-se entre dois dicotômicos formatos: “(...) a cidade das elites e a ocupação periférica, ao longo do século XX, por moradias de trabalhadores em loteamentos irregulares ou clandestinos, casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público (ROLNIK,2001, p.44).

A urbanização seguia um curso distinto, “(...) embora comprometidos com novos padrões urbanísticos, os loteamentos criaram núcleos relativamente isolados do conjunto da cidade. Assim, as ruas oriundas do ciclo de loteamentos de chácaras

refletiam num primeiro momento a ausência da função articuladora” (MEYER, 1993, p16).

Alguns problemas instalados junto à estrutura mínima local contavam com dificuldades originadas da ausência de recursos como loteamentos informais, sem infraestrutura básica como água encanada, esgoto, iluminação pública e vias de acesso (ANGELO, 2011).

Numa entrevista realizada com o Senhor Manuel de Medeiros, um dos emigrantes dos Açores na década de 1950, da Ilha de São Miguel, em 2008, aborda aspectos rurais da localidade quando chegou ao país.

Aqui em São Paulo... Menina, quando eu cheguei aqui em SP eu vim pra Vila Carrão, me instalei, sempre morei na Vila Carrão, faz 50 e... Quer dizer agora em junho vai fazer 52 anos que eu tô aqui. A única estrada, única avenida asfaltada e era só um trequinho que vinha até aqui perto do cemitério, vinha lá do largo do Carrão e era a Avenida do Conselheiro Carrão. O resto era tudo terra... Era intransitável. Então vivia um lugarejo só de chácaras. Era só chácaras, chácara de um lado, chácara de outro. Vivíamos em função de uma fábrica chamada Guilherme Giorgi, entendeu? Então todo açoriano que vinha de lá, ele vinha pra trabalhar no Guilherme Giorgi. Na fábrica Guilherme Giorgi, entendeu? (MEDEIROS, 2008).

Ao mencionar o espaço onde vivia, o Senhor Manuel de Medeiros (2008) rememora os lugares criados a partir das chácaras, com infraestrutura precária no zoneamento urbano, inscrita na lógica de funcionalidade da cidade, e que pesem questões desencadeadas por políticas de inserção social e econômica.

As vilas localizadas nas regiões Leste e Oeste da cidade, como é o caso da Vila Carrão, Brás, Mooca e Barra Funda, surgiram no âmbito do movimento de criação do bairro-casa-moradia. Assim, “a articulação trabalho-moradia promovida pelos industriais é extremamente relevante para entender o padrão urbanístico destes bairros populares” (MEYER, 1993, p.19).

Esse desenho dos bairros, em especial da Zona Leste, tem seu percurso instaurado desde 1916, no início do século XX, a partir da chegada dos primeiros imigrantes portugueses, italianos e japoneses numa antiga fazenda de uva pertencente ao Conselheiro João José da Silva Carrão, oficialmente considerado 1917 o ano de sua fundação enquanto bairro (REVISTA IN, 2011).

Nas décadas de 1940 e 1950, políticas nacionais favoráveis à diversificação industrial possibilitam a expansão desse setor para além do corredor das linhas férreas. O maciço investimento no transporte rodoviário amplia a possibilidade de localização das empresas para novos eixos polarizadores tanto na capital, quanto em municípios adjacentes, enfatizando o desenvolvimento do segmento industrial. Durante décadas, a vocação industrial da capital paulista promoveu a expansão e diversificação de uma rede de serviços e comércio (RODRIGUES, 2009, p.02).

A partir do crescimento da cidade e sua expansão à Zona Leste, e demais adjacências, a mão de obra imigrante passou a ser necessária para a ideia desenvolvimentista da metrópole, nessa dinâmica, especialmente as vilas cresceram no entorno das fábricas nas quais se estabeleceram vínculos com o trabalho, integrando-os nesse processo social de cidade, imaginário e coletivos imigrantes.

Nessa região leste várias vilas operárias foram construídas para fábricas como a Cervejaria Bavária instalada em 1892 e a do Cotonifício Crespi em 1897, na Mooca, mas, as expressivas vilas industriais foram sediadas no Belenzinho, onde numericamente se fortaleceram na criação de vilas operárias como “a Vila Maria Zélia erguida pelo industrial Jorge Street num terreno contíguo a Fábrica Maria Zélia e a Vila Boyes erguida pela Fábrica São Simão e posteriormente comprada pelo grupo Matarazzo para a Tecelagem Belenzinho” (RODRIGUES, 2009, p.04).

Nessa esfera expansionista, o setor industrial diversificou-se nos mais variados ramos, estendendo da indústria leve, caracterizada por fábricas de tecidos, produtos alimentícios e frigoríficos, até as indústrias com atividades de montagem de automóveis e caminhões, fabricação de pneus, fabricação de produtos químicos, além da metalurgia leve vinculada à produção nacional da usina siderúrgica, vislumbrando a necessidade de ampliar as vias de acesso e as radiais, a partir do transporte rodoviário, em detrimento do ferroviário, criando assim, uma nova caracterização urbanística, que objetivava desafogar o trânsito e redefinir os aspectos de centro e periferia da cidade.

Assim, surge no ano de 1949, pelas mãos de Lineu Prestes, o Plano de Avenidas das marginais Pinheiros e Tietê como terceiras perimetrais a circundarem distantemente o centro. A partir das rodovias estaduais que tinham São Paulo como centro regional, as marginais foram concebidas esquematicamente para receber o

tráfego das rodovias, formando novas artérias que passaram a comandar os fluxos de circulação da cidade propiciando a distribuição de inúmeros investimentos (RODRIGUES, 2009).

A partir dessa configuração de periferia e centro, os bairros foram sendo criados na região formando características operárias, os “quarteirões e bairros diferenciavam-se segundo a predominância das atividades ali estabelecidas; ruas, vilas e cortiços/malocas povoados por migrantes mostravam a latência de um espaço entre a casa e a rua [...]” (MATOS, 2001, p.50).

Os espaços de migrantes e imigrantes, nos quais se observavam “trocas permanentes, estabelecendo relações dinâmicas, criando laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência” (MATOS, 2001, p.50), foram se formando verdadeiros territórios de faces visíveis, não ocultas nem sem identidades, mas com singularidades de cada grupo, com características bastante específicas denotando identidades.

A rua acaba tendo contações interessantes e complexas, entre a casa, a sociabilidade, o trabalho, o comércio, a religião e as demais faces da organização socioespacial da vida cotidiana, contempla a compreensão do espaço social, sendo considerada não apenas sob o aspecto do ir e vir, mas seu posicionamento físico, político, sua estrutura e configuração. Revela ainda premissas que levam a interesses de modernização, rentabilidade econômica de seus participantes, condução para outras vias, lugar de produção social e cultural, palco, cenário, entre outras conotações possíveis.

As ruas que identificam os açorianos fazem parte do seu território de tradições, ou seja, são as ruas em que trafegam as procissões, que levam à Casa dos Açores e que cortam a Conselheiro Carrão, uma das avenidas mais conhecidas do bairro. A Dentista Barreto, além de ser a rua da Casa dos Açores, é a rua pela qual transitam alguns elementos culturais dos açorianos, conhecida por rua das festas, das procissões e das quermesses.

A rua foi desde a chegada dos açorianos o centro de promoção das festas, de organização espacial e geográfica, além das sociabilidades. Espaço de múltiplas faces num processo de territorialização de transformações que ocorrem na vida social, econômica e política dos grupos de forma geral.

As perimetrais construídas pelo “Plano Avenidas” eram consideradas propostas que mudariam o sistema viário da cidade. As grandes avenidas perimetrais associadas às vias radiais, que partiam rumo aos bairros, são o modelo amplamente adotado pelos urbanistas europeus a partir da segunda metade do século XIX. [...] As grandes avenidas radiais, de fundo de vale ou não, continuaram a levar a urbanização para áreas distantes. Os loteamentos populares, apartados da cidade e com baixa probabilidade de chegar a receber infra-estrutura e serviços, tornaram-se setores em que a ausência dos atributos urbanos mais elementares gerava um novo espaço: a periferia. O ritmo de instalação desses loteamentos, já presentes nas décadas de 20 e 30, também mudou de escala de crescimento demográfico dos anos 50, associado à industrialização. Com eles nasceram as ruas anônimas, as ruas precárias (MEYER, 1993, p.22-23).

Nessa estratégia do plano a radial Leste é vislumbrada num modelo a atender a escala de crescimento assente no “progresso” que era pleiteado no momento desenvolvimentista da São Paulo metrópole.

Essa conotação de transformação da cidade que mais cresce vem junto ao emblema da modernidade, em que se verificam proposições de grandeza e ampliação territorial.

A “invenção” da paulistanidade forjou-se na perspectiva do progresso, do trabalho, nos signos da metrópole industrial e das chaminés, pressupondo certas construções do passado: a fundação da vila pelo jesuíta José de Anchieta, o palco da independência, elege-se como mito os bandeirantes, identificando-os como “heroicos paulistas que desbravaram os sertões e construíram a grandiosidade do território nacional”. O ritmo da modernidade contaminava São Paulo, transformando-a em um novo território repleto de automóveis, ônibus, caminhões, buzinas, sons e odores, o ritmo acelerado dos transeuntes, o café no balcão, a pressa, a falta de tempo, os novos magazines, os modernos edifícios do centro novos cada vez mais altos. São Paulo assumia o emblema da modernidade, os arranha-céus e as chaminés, “a cidade que não podia parar”, mas mantinha a sua garoa como símbolo (MATOS, 2001, p.59).

As estratégias vinculadas à transformação da cidade se via nas políticas de mobilidade urbana, em que a articulação previa um novo conceito, advindo de novas necessidades da estrutura viária, já que o número de veículos se ampliava com a modernização dos equipamentos e o sistema viário na cidade precisava se ajustar. A

partir das décadas de 50 e 60 ampliavam-se as características das cidades cosmopolitas, cujas necessidades de velocidade e fluxo se tornavam cada vez mais expressivas, indo d encontro aos altos prédios, às circulações de pedestres, a construções de túneis que interligavam luas, além da rápida expansão horizontal que teve na Zona Leste, uma adaptação fluida e assertiva (MEYER, 1993).

A comparação entre a territorialização da produção industrial em 1968, realizada pelo Plano Urbanístico Básico, e a territorialização no começo da década de 1990 utilizando o cadastro do SENAI demonstra a presença de várias pequenas indústrias junto às áreas onde predominavam os grandes e médios estabelecimentos, notadamente ao longo da antiga ferrovia Santos-Jundiaí (ROLNIK, 2001, p.48).

Os bairros que se formavam ao longo das perimetrais e das radiais se inscreviam numa lógica que determinaria posteriormente suas características, muitas vezes marcadas por sujeitos e histórias de imigração. Os ordenamentos desse cenário, que inclui ruas e bairros, foram se construindo e reconstruindo com o passar dos anos, definindo singularidades que compõe s representações culturais visualizadas ao longo de gerações. “O homem perdido no anonimato da multidão se dilui nessa massa informe dos habitantes das grandes cidades, se assemelha a todos, quando o que mais deseja é expressar sua diferença” (BRESCIANI, 1993, p.190).

A construção territorial dos açorianos na Vila Carrão evidencia sua representação cultural em termos temporais, seja a partir das chegadas na década de 1950, seja pelo trabalho no Cotonifício Guilherme Giorgi, tornando-os, vida cotidiana e trabalho um duplo sentido na formação dos espaços de sociabilidade e interação entre os habitantes do bairro antes mesmo de seu posicionamento na cidade. As ruas e os delineamentos urbanos se formaram a partir de características definidas pelos padrões dos grupos estabelecidos em cada localidade, além das formatações advindas das políticas públicas daquele momento, que de certo modo dava tons de estética e ideário.

Porque a própria empresa “Guilherme Giorgi” ela tinha essa parte que hoje a gente chama de Jardim Têxtil, eram casinhas da Guilherme Giorgi. Então, o pessoal já vinha normalmente com a casinha alugada. Então, era que nem uma Cooperativa mesmo. Toda essa parte que hoje é o Jardim Têxtil, era da Guilherme Giorgi, eram todas casinhas... Os funcionários vieram prá cá, não tinham onde morar, então, eles se preocuparam com

isso. Aí, foi onde teve essa maior concentração aqui no Carrão, em decorrência da fábrica (JACOB, 2009).

A Senhora Leonilda dos Reis Jacob, ao rememorar a função da indústria na construção do bairro, vislumbra como foram sendo constituídas as habitações para os trabalhadores imigrantes que chegavam na cidade nesse período de 1950 a 1970, retratando aspectos assentes no imaginário dos bairros periféricos que se estabelecem em conjunto com as imagens criadas pelos artistas, pintores e demais pensadores que, de certa forma, também contaram ou retrataram a formação dos subúrbios da cidade (ANGELO, 2011).

Ao longo dos anos, fica nítido que a construção e o desenvolvimento dos bairros paulistanos estiveram condicionados às políticas públicas voltadas para as funções econômicas das regiões, zonas e ruas da cidade. A Zona Leste se desenvolveu a partir de uma concepção industrial, seguindo modelos de enquadramento dos loteamentos massificados da população. Ao longo das décadas de 50, 60, 70 e até a atualidade, se percebe uma relação tênue de modificações, ressaltando por vezes os traços do passado econômico e social da população que habita a localidade.

O modelo centro-periferia, que durante décadas deu conta das principais dinâmicas urbanas em curso em São Paulo e em outras grandes cidades, continua marcando, de certa forma, as principais tendências de organização territorial metropolitana, ainda que diversos fenômenos possam estar gradativamente a relativizá-lo, como a diminuição perversa da segregação social, a autosegregação de grupos sociais com maior poder aquisitivo (muitas vezes em áreas mais periféricas), a melhoria urbanística de bairros populares periféricos (acompanhada de expulsão de parte da população após as melhorias), a possibilidade da ampliação de espaços metropolitanos

“fractais” (simultaneamente mais homogêneos no macro e mais heterogêneos no micro), o processo de desdobramento da centralidade do setor terciário moderno, entre outros (ROLNIK, 2001, p.56).

Os fenômenos que se observam no quadrante sudoeste da cidade, marcados de certa forma pela hegemonia do setor terciário moderno, e os que observam na Zona Leste, cujas características já assinaladas – desconcentração e reconversão industrial, a inscrição territorial do comércio varejista moderno, verticalização de áreas

periféricas – podem apontar, a depender de novos aprofundamentos, para novas formas de espacialização da desigualdade na metrópole (ROLNIK, 2001, p.56-57).

Nas escolhas do lugar estão alinhadas diversas situações e conotações, que vão da identificação às necessidades de grupos que se alicerçam política e economicamente, e de certa forma, se entremeia entre as peculiaridades e singularidades dos contextos traduzidos nos mais variados contatos migratórios. Os imigrantes de São Paulo são também inscritos nesse bojo de identificação pela questão da configuração da cidade, que ora é única, ora é multifacetada, permitindo inúmeras interpretações das mais variadas formas de identidades. No caso dos açorianos, a fábrica, a indústria e seu entorno acabam delineando os contornos do grupo na cidade. A Posição Leste, entretanto, muda à medida que a cidade também se transforma.

A presença nostálgica do imigrante e seus territórios, os espaços criados pelos açorianos são, ao mesmo tempo, formas de manter a cultura de seus antepassados e formas de legitimar suas identificações. Alguns são protagonistas da história da imigração, pois ingressaram na cidade lá pelos idos de 1950; outros, são a geração que mantém o elo com o passado nas ilhas sem mesmo conhecê-las, apenas pelo fato que quererem transferir aos seus sucessores a identidade advinda dos Açores.

O imaginário e a criação de patrimônios da imigração e os tempos

A criação de territórios periféricos na cidade concentra cenários vividos pelos sujeitos históricos e suas contribuições no que tange a construção física e intangível de fazeres e saberes. De sua configuração enquanto “lugares de memória” (Nora, 1993), potencializa patrimônios como elementos participantes na formação das identidades. Nessa abordagem há uma ligação sincrônica entre a comunidade e o patrimônio, aproximando temas como memória e identidade, no qual se verifica uma relação importante entre passado e presente, especialmente a partir de ideias como pertencimento e valorização, que são tonificadas pelas festas e atrações da Casa dos Açores de São Paulo.

Para Pierre Bordieu (2005, p.09) a formação do lugar pode ser percebida enquanto um espaço de disputas simbólicas e conflitivas entre diferentes campos que compõe a sociedade, e, as representações estão sempre em jogo e, sob influência do

poder simbólico como “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato de mundo [...]”, numa dimensionalidade de concepções formadas pelo tempo, espaço e causas com interações contínuas.

A percepção que a comunidade tem acerca de si e de seu patrimônio cultural se caracteriza por determinadas ações que foram tomadas desde a chegada dos seus antepassados dos Açores. Com a criação da Casa dos Açores, foi sendo paulatinamente criada uma identificação, forjando espaços, meios e saberes edificadas em lugares e percepções.

A partir da vinda dos açorianos para a Zona Leste da cidade, chegam também as festividades, com especial atenção à festa do Divino, que começou a ser ressignificada por essa comunidade em maio de 1974, nas ruas adjacentes à Avenida Carrão. A Casa dos Açores de São Paulo foi criada exatamente no intuito de manter as tradicionais celebrações religiosas da comunidade açoriana de 1974 até 1982 com a criação a Casa as atividades eram feitas na rua, que passou a ter uma conotação muito importante na organização do grupo e sua união a partir de atividades religiosas.

A Casa passou a encabeçar as celebrações, promovendo diversos eventos por meio da criação de uma associação, e, com isso, passou a arrecadar fundos ao longo do ano, posicionando seu território cultural.

Já estávamos construindo a Casa dos Açores. Então foi a 1ª festa que foi feita em frente à Casa dos Açores, foi a minha. Foi legal, geralmente tudo que se faz lá eu sou geralmente o pioneiro, tudo leva meu apreço, tudo que eu puxo o negócio pra ver se aquele está mais sério quem o anterior. Porque a gente estava na frente das casas dos mordomos, estava muito ruim, não dava pra fechar a rua então não se tinha mais controle. Então eu passei em 82, eu passei justamente pra Casa dos Açores onde se faz os festejos e dali pra frente foi sempre na Casa dos Açores (MEDEIROS, 2008).

Desde então, a festa foi sendo um cenário de atividades do grupo, fortalecendo os laços conterrâneos e exercendo papel aglutinador das comemorações anuais dos açorianos e seus descendentes.

Como associativista ao angariar recursos e articular a comunidade, organizando encontros religiosos, gastronômicos e festivos, passou a celebrar uma diversidade de ações de manutenção das tradições adaptadas às memórias dos Açores como os terços do Divino Espírito Santo, Quermesse da festa, coquetel dos

colaboradores, aniversário dos Açores, Revelando São Paulo (com a participação do grupo nas atividades no parque da Água Branca), Semana Cultural Açoriana, Natal, entre outros. Os pratos de festa também adquirem um formato identitário, forjando sentidos do passado como a bacalhoadada, massa sovada, cordeiro assado e cozido açoriano; além da apresentação dos grupos folclóricos, entre outras atividades (ANGELO& MATOS, 2018, p.12).

Especialmente a partir das celebrações religiosas de Pentecostes, que ocorre cinquenta dias após o domingo de Páscoa, se comemora o dia do Divino Espírito Santo, tradição luso-açoriana que homenageia o Espírito Santo ao coroar sete crianças simbolizando a descida do Espírito na Terra.

Na ocasião, além da coroação existe um preparo de muitos dias, começando com a reza diária dos terços durante sete semanas, alternando-se as rezas cantadas por homens e mulheres. As datas e os locais onde se realizam as rezas e os demais rituais da festa são previamente determinados. Os símbolos do Divino (Coroa e Bandeira) são levados para diferentes casas sorteadas a cada ano, sempre no último domingo de festa, conhecido como “as domingas do Divino”. Também nestas ocasiões ocorrem as Folias do Divino, feitas de improviso por repentistas que recolhem doações e cantam em agradecimento à comunidade (ANGELO & MATOS, 2018, p.12).

Apesar das diversas adaptações, no dia de celebração, que é o Pentecostes propriamente dito, às nove horas da manhã inicia-se uma procissão, que sai da Casa dos Açores em direção à Igreja de Santa Maria Virgem, passando por ruas como a própria Dentista Barreto onde se localiza a Casa e percorre as ruas do bairro até chegar na Igreja onde se realiza a missa em louvor ao Divino Espírito Santo.

A cada ano algumas adaptações são feitas, e, durante o ritual religioso, uma criança, ou um casal, ou mesmo sete crianças são coroadas, simbolizando os sete dons do Espírito Santo, além da bênção final, momento em que se coroa a imagem da Santa.

Em 2024, durante a celebração dos 50 anos da Festa do Divino no bairro, as comemorações foram fortuitas no desencadeamento das atividades celebrativas, da organização à comensalidade, e a parte sagrada também se celebrou a imagem de Nossa Senhora de Fátima, coroada ao final da missa em louvor ao Divino.

Com essa data comemorativa, os participantes das celebrações vão renovando atividades e criando novidades em cada escolha de Mordomo anual. Os festejos

funcionam com sorteios de cada ano, que são escolhidos durante festa do Divino. Na sequência esse casal acaba organizando as festividades do próximo ano.

A cada celebração uma dupla fica responsável pelos terços, pela logística da festa e pelas atividades a serem desempenhadas por distintos sujeitos na Casa dos Açores. Dos fazeres elaborados em todo ano que se inicia exatamente no dia de Pentecostes até o próximo ano. Nessa prática, o ano começa em Pentecostes e vai até o sorteio do próximo casal.

A forma de apresentação e mesmo as atividades escolhidas acabam sendo definidas pelo casal escolhido. Dessa forma, na prática, mudanças são previstas em todo o processo.

Imagem 1: Nossa Senhora de Fátima coroada em louvor ao Divino.



Fonte: Casa dos Açores de São Paulo, 2024.

Na festividade, o momento maior da celebração é a coroação de Nossa Senhora de Fátima, que encerra o ciclo do Espírito Santo no dia do Pentecostes. As festividades continuam nas ruas do bairro com a apresentação de grupos folclóricos que entoam antigas cantigas portuguesas e açorianas, com comes e bebes e comidas típicas da gastronomia açoriana que acabam compondo a celebração e brindando a ideia de identidade cultural, com destaque para as linguças, alheiras, massas

sovadas, malassadas e morcelas, além do vinho dos Açores, comercializados durante as festividades.

Para Gonçalves (2007, p.111) o patrimônio se forma como uma categoria relevante da sociedade, corroborando na construção das simbologias e sentidos do (i)material na composição estrutural da cultura dos povos. A partir do patrimônio, pode-se além de tombar edifícios no que tange ao que foi construído pelo homem de valor inestimável, somar elementos que se concentram de formas distintas a partir dos saberes, do intangível, e, “(...) no sentido de ‘registrar’ essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações” é que se concentram os esforços no caminho do registro imaterial.

Nesse sentido o “registro” nasce de interpretações distintas nos campos da diversos saberes na direção da valorização do que essencialmente tem valor para culturas distintas de fazeres, saberes e práticas das mais distintas a comporem olhares do popular, do “povo” e do que ele representa temporalmente. Entre os mais diversos valores estão os saberes ligados à música, dança, ornamentação, cores, saberes e sabores que vão atendendo a representações simbólicas dos grupos.

Um dos elementos que compõe a cultura açoriana pertence ao que denominaram de folclore popular, por meio dos grupos folclóricos que se apresentam na Casa dos Açores e têm o intuito de difundir a cultura açoriana trazida pelos imigrantes a São Paulo, indiferente da ilha de onde vieram, mesmo que essa produção seja uma nova experiência imaginária sobre o passado, condensando ações que os identificam enquanto grupo.

O passado criado no presente associa o imaginário do imigrante ao condecorar ações que rememoram o passado, numa tentativa de manter vivo o elo com as terras dos Açores e da cidade de São Paulo, num cenário que possa garantir olhares sob tempos memoriais de vida de seus antepassados. Do trabalho no campo às festividades, a acolhida do tempo parece pertencer ao presente nas formas de entretenimento da Casa.

Para Pereiro (2006, p.27), o patrimônio cultural é alcançado enquanto representação simbólica da cultura, e por isso resultado dos processos de seleção e de negociação de significados, ele transcende como instrumento para o repensar das sociedades no sentido de através dele perceber os valores sociais e culturais

atrelados. As formas de patrimonialização caracterizam-se enquanto “(...) um processo de atribuição de novos valores, sentidos, usos e significados a objetos, a formas, a modos de vida, saberes e conhecimentos sociais” (PEREIRO, 2006, p. 27).

Para Cara (2004, p.11), a patrimonialização pode ser compreendida a partir “do processo interrelacionado à territorialização das relações de visitação, na qual se correlacionam território e cultura e onde se elabora uma ‘consciência dos valores patrimoniais’ nos quais se atribui valor de representação e comunicação” (CARA, 2004, p. 11).

O que compõe o patrimônio da imigração açoriana em São Paulo? Seu acervo de documentos da Casa dos Açores que vai de sua construção física à ornamentação religiosa para as festividades, os pratos elaborados com receitas dos açorianos aos seus descendentes, a ornamentação das coroas do Divino, os ornamentos diversificados, a sua biblioteca, a sala do sagrado, com as imagens de Cristo e Nossa Senhora de Fátima, que percorrem as ruas durante procissões, os terços e demais atividades religiosas, as histórias dos sujeitos que vieram dos Açores e contaram um pouco de suas memórias de viagem, de infância e da saga da imigração, entre outros objetos, instrumentos e mesmo saberes que ficaram sobrepostos entre o imaginário dos filhos e netos e as histórias dos pais e ancestrais das Ilhas.

Esses elementos vão sendo (re)criados e (res)significados ao longo do tempo, e mesmo ao longo das gerações. Não são fixos no tempo e tão pouco circunscritos em redomas de identificação, são dinâmicos, dentro de perspectivas assentes na reelaboração de uma diversidade de vivências conduzidas pelas gerações nascidas em São Paulo e que desfrutam de sua multiplicidade de raças, grupos e etnias que vão reinventando a cidade e seus territórios ricos em diversidade, em multiculturalidade e desafios às novas gerações que vão ou não dar tons de passado e de nostalgia aos transatlânticos.

Um dos exemplos é o gosto. A formação do gosto é apreendida socialmente, pela memória olfativa, pelo cheiro e pelo sentimento de pertença forma um elo com a representação do lugar, das pessoas e da imagem que ela produz no outro (CORNER & ANGELO, 2016, p.152) Da preparação dos alimentos ao ato de comer e socializar em movimentos do ato traduzem-se atividades simbólicas que vão permitir às sociedades construir suas singularidades e toda sua complexidade de objetos, instrumentos e mesmo sabores. Nesse movimento em que os gostos vão se

inscrevem, vão sendo formados patrimônios imateriais dos sabores, que de certo modo identificam grupos pelo mundo.

A cultura do imaginário estabelecida por Gilbert Durand, consiste na compreensão do modo como as imagens são produzidas e transmitidas e como ocorre a sua recepção, de modo que esse imaginário se revela como um *lugar de “entre saberes”* (DURAND, 1996, p. 215-227).

Assim, pode-se inferir algumas comparações sobre esse imaginário, considerando que os grupos, em especial os açorianos, mantêm com a imagem de passado, uma relação ambivalente: de um lado, a imagem de uma relação idolátrica, graças ao progresso de produção e reprodução da comunicação das imagens por exemplo de fé, de ações e mesmo de participação afetiva, e, de outro, mantêm uma relação de descolamento, indiferença, percebido nos jovens, com pouca ou nenhuma representatividade, a não ser pela palavra de outros.

Apesar de serem desde cedo (crianças) serem parte dessa definição de traços antepassados, numa herança identitária, existe o momento de desapego e um processo de transição, comodamente assistido em várias gerações, bem como, um retorno ao passado em momentos mais tardios de vida, geralmente na idade mais avançada, de um certo retorno a espiritualidade, às antigas apreciações e mesmo renovações de fé e de família.

Para Bosi (2007), na memória da velhice, se assume grande parte de formação do indivíduo mais jovem, visto que eternizam memórias e lembranças, sejam elas pessoais, de um tempo, lugar, pessoas e objetos, e referenciam às crianças e jovens formas de apreender pela narrativa dos mais velhos, o passado; essa relação entre os sujeitos no tempo traz um mergulho nas suas raízes através da história vivida por pessoas idosas e familiares que de certo modo, fizeram parte de sua socialização, de sua religiosidade, de seu cotidiano.

Para Cassirer (1994), as formas simbólicas são formatadas por princípios que as estruturam, por meio linguagem, das formas, artes, padrões comportamentais e sua materialidade. Esses princípios podem ser apreendidos pelo conceito de patrimônio cultural, criado por meio da linguagem, dos mitos, da religião, da arte ou da ciência produzida e significada pela comunidade que vivencia esse patrimônio ao longo de suas gerações e sua dinamicidade, permeada por transformações temporais,

considerando especialmente o “processo” vivido pela comunidade ou grupo e suas características físicas, imagéticas e simbólicas.

Assim, todo o processo de resignificação trazido pelos açorianos das Ilhas toma forma em sua própria geração e nas posteriores em formatos distintos, carregando memórias de outrora, simbolizando novos olhares a partir de outros, e, esses novos significados vão se transformando em novas relações com esse passado imaginário.

Considerações Finais

Na construção dos bairros, sua caracterização imagética em desenhos e contornos fornecem dados relevantes no reconhecimento identitário de diversos grupos na grande São Paulo. Dos modos de vida aos rituais trazidos pelos diversos povos que compõe a multiplicidade étnica que a metrópole carrega, acaba caracterizando os variados territórios, como a Vila Carrão, dos açorianos da Zona Leste da cidade.

Os diversos grupos e mesmo “faces” de imigrantes que formaram o patrimônio da imigração como monumentos, ruas, espaços públicos, lugares de memórias, entre muitos outros materializados em cenários concretados criaram elos com os países de origem. Nessa construção emergem os patrimônios materiais e imateriais forjados em narrativas, discursos e disputas que favorecem as relações identitárias com um passado inscrito em vestígios e memórias.

A partir de relatos de vinda, cotidianos e transformações vividas da zona rural para a urbana, percebeu-se movimentos e trajetórias de vida que se correlacionam na criação de um território açoriano, que trouxe na bagagem, aspectos ligados ao período de crescimento de São Paulo entremeados da própria criação dos bairros operários da região Leste, como a Vila Carrão.

Do gosto aos monumentos o patrimônio da imigração se forma por meio de uma complexa materialidade percebida nas comunidades e grupos que trouxeram na bagagem suas memórias afetivas e seus fazeres e saberes.

As viagens a nova terra sustentam vários processos da imigração, o que resta das gerações traduz-se em novas formas de manter os elos com o passado.

Referências Bibliográficas

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Formação, Transformação e as Ressignificações Culturais*. Tese de Doutorado em História. PUCSP, 2011.

ANGELO, E. R., & CORNER, D. M. Cultura e Patrimônio: A Alimentação e o “savoir-faire” na mercantilização, patrimonialização e outras propostas do turismo e da indústria cultural. *Ágora*, 18(1), 2016, p.144-155.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. MATOS, Maria Izilda Santos de. Casa dos Açores de São Paulo: imigração, associativismo e religiosidade. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 31, nº 65, p. 433-456, setembro-dezembro 2018.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Empreendedores Culturais Imigrantes em São Paulo de 1950. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. Vol.17, n.1. São Paulo, 2005.

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2005.

Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: *Lembranças de Velhos*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Nas Ruas, os Caminhos da Cidade. *Cadernos de História de São Paulo*. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993. p.27.

CARA, Roberto Bustos - Patrimonialización de valores territoriales, turísticos, sistemas productivos y desarrollo local. In *Aportes y transferencias*. Mar del Plata: Universidade Nacional de Mar del Plata, v.8, n.2, 2004, p. 11-24.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DURAND, Gilbert. *L'imaginaire*. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.106.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos - *Antropologia dos objetos* – coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade que mais cresce no mundo: São Paulo Território de Adoniran Barbosa. *São Paulo em Perspectiva*. Vol.15, n.3. São Paulo, jul./set. 2001. p.50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a08v15n3.pdf>>.

MEYER, Regina Maria Proserpi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. *Cadernos de História de São Paulo*. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez.1993.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. *Revista Projeto História*. PUC, São Paulo/SP, nº10, p. 7-28, 1993.

PEREIRO, Xenardo - Patrimônio Cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. *ADRA n°2*. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, 2006, p. 23-41.

RODRIGUES, Angela Rösch. Cidade e Indústria: estudo sobre a relação dos processos de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo. *Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial*. São Paulo: Belas Artes, 2009.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001.

Depoimentos

JACOB, Leonilda dos Reis. Entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

MEDEIROS, Manoel de. Entrevista concedida em 03/06/2008, em sua indústria, na Vila Carrão, Zona Leste da cidade.